

A CONTRIBUIÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA MANUTENÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SABERES NÃO FORMAIS¹

Antônio Valmor de Campos²

Jane Acordi de Campos³

RESUMO

Este relato resulta de uma atividade pedagógica da disciplina de Introdução à Filosofia, no segundo semestre de 2023, no Curso de Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), ofertado no Instituto Educar, no Município de Pontão/RS, na modalidade de alternância, o qual é direcionado para assentados da reforma agrária, portanto, os estudantes são oriundos dos movimentos sociais do campo. A atividade foi orientada para que fossem colhidas informações de familiares ou vizinhos residentes nos assentamentos, com idade aproximada de 60 anos ou mais, com um roteiro mínimo, mas flexível, para coletar o máximo de informações possíveis e também manter-se fiel às falas dos colaboradores. Foram coletadas 120 informações sobre os saberes presentes nas comunidades, sendo que as representações são de 12 estados do país. Serão apresentadas aqui algumas demonstrações de saberes, aprendizados e ensinamentos a partir dos saberes populares. Visualiza-se que boa parte dos entrevistados tem o domínio de saberes transmitidos de geração em geração, mas é possível também observar avanços e ajustes nesses saberes, demonstrando que ocorre o aprendizado das gerações atuais, porém elas acrescentam informações, através de maneira própria, que permite, ao mesmo tempo, a continuidade dos saberes tradicionais, mas agrega conhecimentos produzidos a partir deles mesmos. Com isso, esses saberes não são estáticos, pois são abertos ao aprendizado de quem os utiliza e cultua. Algumas falas demonstram esse processo de ensino e de aprendizagem, sendo um modelo de ensino não formal, mas que oferece muitas opções de utilização desses conhecimentos. Portanto, os saberes populares/tradicionais permitiram que a humanidade acumulasse condições de evoluir e construir outros conhecimentos, além de produzir tecnologias. É importante destacar o papel dos movimentos sociais, das comunidades e povos tradicionais na manutenção desses saberes e das práticas de transmissão através de ensinamentos oralmente de geração em geração.

Palavras-chave: Movimento social, Saber tradicional, Aprendizagem não formal, Oralidade, Conhecimento geracional

INTRODUÇÃO

Inicialmente, é importante destacar que a experiência do regime de alternância apresenta inúmeros desafios, entre eles, a qualidade do ensino e o adequado aproveitamento dos conteúdos pelos estudantes. Para superar isso, é preciso comprometimento dos estudantes

¹ Atividade desenvolvida por meio de projeto de ensino, com atividades realizadas nas comunidades de origem dos estudantes, que são oriundos de assentamentos da reforma agrária, localizados em 13 estados brasileiros.

² Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Graduação em Ciências/Matemática, Biologia e Direito. Professor na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação Brasileira – GEHDEB. E-mail: antonio.campos@uffs.edu.br.

³ Mestra em Educação pela Unochapecó. Graduação em Administração e Química Licenciatura. Professora da Rede Pública Oficial de Ensino/SC. Escola de Educação Básica Catulo da Paixão Cearense, Sombrio/SC. E-mail: janeacordidecampos@gmail.com.

e disponibilidades dos professores, assegurando metodologias que, ao mesmo tempo, flexibilizem a aplicação do currículo e assegurem a devida aprendizagem dos estudantes. Cabe expressar isso, para adentrar na caracterização da turma do Curso de Agronomia, em convênio PRONERA⁴-UFFS, no componente curricular de Introdução a Filosofia, 2022/2.

Trata-se de uma turma composta por estudantes oriundos de 13 estados brasileiros. São todos ligados aos assentamentos da reforma agrária, portanto, comprometidos com suas bases, já que são escolhidos com critérios específicos, acertados entre o movimento e a instituição que oferece o curso, para o preenchimento das vagas.

Isso coloca-os em uma responsabilidade pessoal e coletiva, pois, além de estudantes são representantes de suas comunidades, portanto, lideranças que precisam desenvolver suas atividades com responsabilidade e comprometimento solidário.

Essa condição foi inspiradora para a realização de uma atividade no “tempo comunidade”, que faz parte dos estudos para além da sala de aula. A atividade consistiu em realizar um “diálogo orientado” com pessoas das comunidades das quais são oriundos os estudantes, que tivessem idade aproximada de 60 anos, das quais foi indagado acerca da sua compreensão a respeito dos saberes tradicionais e sua aplicabilidade.

A atividade carrega uma noção de pesquisa, como a coleta de dados, apesar de ser apenas uma ação que faz parte de um componente curricular que se preocupa em realizar reflexões acerca dos diferentes tipos de saberes e sua caracterização. A metodologia utilizada seguiu os parâmetros adequados, com a técnica de roda de conversa para obtenção dos resultados pretendidos, sendo que foi realizado preferencialmente com familiares e pessoas de relações próximas aos estudantes, evitando quaisquer riscos ou importunos na coleta.

A motivação do presente ensaio veio da riqueza dos dados colhidos, bem como da abrangência da amostra, oriunda de 13 estados brasileiros. Alguns destaques serão apresentados a seguir, mas é interessante chamar a atenção sobre o aspecto da semelhança de visões pelos colaboradores dos diferentes estados onde residem. Por exemplo, a observação das fases da lua para o plantio é retratada em todos os colaboradores nos diferentes estados de origem dos estudantes, apesar da forma de apresentação das ideias guardarem algumas diferenças, elas restringem-se às características de cada região.

Evidentemente, algumas situações são peculiares a determinadas regiões, quando envolvem, por exemplo, “aves de agouro”, pois, muitas vezes, elas estão localizadas em determinados espaços e não em outras, mas a ideia é semelhante nos diferentes locais.

⁴ Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, visa atender as necessidades e demandas dos assentados no campo educacional, científico e tecnológico.

Também aparecem visões diferenciadas acerca da importância dos saberes tradicionais na evolução da humanidade e da contribuição no desenvolvimento tecnológico. Isso demonstra uma falta de compreensão por parte dos colaboradores sobre como esses saberes interagiram/interagem com a ciência e a tecnologia.

Por outro lado, praticamente todos e todas demonstram dominarem a informação de onde os saberes tradicionais são utilizados atualmente, citando exemplos cotidianos, o que demonstra sua existência entre os familiares e pessoas próximas aos estudantes, como se demonstrará no decorrer do texto.

Essas são algumas considerações que justificam a importância deste tema, tornando-o público, para que mais pessoas possam interessar-se na pesquisa e atividades que envolvem os saberes tradicionais e como os movimentos sociais contribuem para sua manutenção e continuidade da cultura e tradição dos povos antepassados das mais diversas gerações.

METODOLOGIA

É indispensável destacar que o presente ensaio resulta de uma atividade de ensino, portanto, não há aprovação do comitê ética, mas todos os procedimentos necessários à preservação da identidade das pessoas envolvidas foram tomados, sendo que elas serão identificadas no texto como “Informante”, seguido de numeração indo-arabica.

Também se tomou a precaução de apresentar e ler para os participantes o termo de livre consentimento esclarecido (TLC), que foi devidamente assinado por todos e todas que concordaram em participar da atividade de coleta de dados.

Ainda é importante destacar de que a metodologia utilizada na coleta teve característica de uma verdadeira “conversa familiar”, na qual participaram os estudantes que realizavam seus trabalhos e os familiares ou pessoas envolvidas no movimento e organização dos trabalhadores e trabalhadoras assentadas. Assim, sendo, houve certo grau de informalidade, mas sem desprezar os critérios necessários para conferir seriedade ao trabalho realizado.

Portanto, apesar de não ter passado pelo comitê de ética, pela compreensão de não ser necessário, todas as medidas de liberdade na participação da atividade de ensino, bem como da preservação da intimidade e da identificação dos envolvidos foram tomadas.

Para a efetivação da coleta foi organizado e disponibilizado um roteiro para condução das falas motivadoras dos estudantes e de provocações aos colaboradores para tratarem dos assuntos de interesse na coleta, sem colocar um risco de prejuízo visível e possível a eles. Os

dados coletados foram apresentados em sala de aula, com as contribuições e análises dos estudantes que tiveram a oportunidade de apresentar suas impressões acerca das diferentes informações trazidas à sala de aula.

Além disso, algumas considerações foram feitas pelo professor, destacando a riqueza das contribuições trazidas e como elas auxiliam para a integração entre os saberes tradicionais, a ciência e a tecnologia, bem como permitem o enriquecimento dos conteúdos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como já explicitado, o presente ensaio resulta de uma atividade de ensino, portanto, não segue alguns pressupostos da pesquisa acadêmica, no entanto, há uma sustentação teórica para subsidiar o debate. Assim sendo, o referencial teórico utilizado contém as principais discussões e a trajetória acerca dos saberes tradicionais. Ele serve para situar o leitor quanto à linha de raciocínio utilizada no desenvolvimento deste texto, demonstrando a importância do tema para a academia, principalmente.

Chassot é um dos autores que se identifica com a necessidade de dar visibilidade aos saberes tradicionais, no intuito de tornar mais democrática e justa a valorização das ciências:

Para fazer do resgate de saberes populares em uma atividade de pesquisa há um pressuposto importante: é preciso trabalhar criticamente *a ciência do cientista, a ciência da escola e a ciência popular*. Aqui já surgem alguns problemas, pois chamar *o saber popular de ciência popular* usualmente causa estranheza na Academia (Chassot, 2001, p. 196).

Como destaca o autor, o espaço do conhecimento científico não demonstra o acolhimento dos saberes tradicionais, porém, isso não significa que eles não sejam importantes ou não contribuam com o desenvolvimento científico e tecnológico. Porém, há problemas de valorização econômica, já que o saber tradicional fundamenta-se na solidariedade, enquanto o conhecimento científico serve ao capital, visando evidentemente ao lucro.

Neste sentido, segundo Chassot (2001), com o conhecimento tradicional, é possível realizar, com mais pertinência, o resgate da história oral e a interpretação do processo, com os envolvidos, visando ao desenvolvimento e à melhoria de técnicas e procedimentos metodológicos que contribuam para a mudança de postura frente ao ambiente.

É provável que, a partir dos saberes tradicionais, seja possível resolver determinadas situações, tendo em vista que ele não prima pelo lucro, mas pela continuidade geracional de processos construtivos: “É indispensável registrar o aspecto solidário na transmissão do saber

tradicional, de geração para geração. Isso permite que em cada geração aconteça a agregação de novos valores, ambientais, educativos” (CAMPOS, 2018, p. 28).

Neste sentido, uma observação indispensável é a de que os saberes tradicionais sempre foram desprestigiados pela cultura eurocêntrica, que se aplica de forma hegemônica sobre os povos subjugados por suas ocupações, decorrentes das “grandes navegações” do século XV: “As culturas destruídas, marginalizadas ou transformadas pela expansão europeia perderam, em maior ou menor medida, boa parte de seus saberes que foram reelaborados em consequência da dominação” (CHASSOT, 2003, p. 96).

Essa postura elitista coloca o científico acima dos demais, criando uma divisão ao observar-se a relação entre sujeito e objeto: “[...] o conhecimento científico não se encontra distribuído socialmente de forma equitativa, nem poderia encontrar-se, uma vez que o seu desígnio original foi a conversão deste lado da linha em sujeito do conhecimento e do outro lado da linha em objecto de conhecimento” (SANTOS, B., 2008, p. 27/28).

Na expectativa de minimizar os efeitos dessa dicotomia, é preciso refletir sobre o papel da universidade na superação do processo discriminatório, que impõe uma diminuição da visibilidade e da valorização dos saberes tradicionais:

Talvez a própria Universidade precise (re)pensar a afirmação, antes citada, de Humboldt de que “a Ciência representa algo que ainda não foi plenamente realizado e que nunca poderá sê-lo. A ciência é portanto uma eterna busca.” Isso facilitaria também a compreensão de que existem saberes fora da Universidade (CHASSOT, 2001, p. 204).

Para uma construção equitativa de oportunidades, a necessidade de reconhecimento dos saberes tradicionais na universidade é indispensável: “Como o saber tradicional não pertence à ordem científica estabelecida carece de reconhecimento por parte de alguns pesquisadores e teóricos da área, os quais ignoram a existência de outros conhecimentos que não sejam o científico” (Campos, 2018, p. 41).

O reconhecimento dos saberes tradicionais é indispensável para que se corrijam as injustiças decorrentes da sua desqualificação, pois ele tem ofertado importantes contribuições para a humanidade. Portanto, os povos que conservam os saberes tradicionais precisam ser respeitados e valorizados pelas contribuições decorrentes de sua prática:

A apropriação dos saberes e conhecimentos tradicionais sempre ocorreu no transcurso da história, contudo, nunca o processo de recuperação dos saberes locais foi tão relevante, o que se denota na urgência de os recuperar, de os valorizar, de os apropriar de forma privada, dissociando-os dos grupos sociais que os haviam construído, descontextualizando e transformando-os em insumos do processo de produção da economia informacional (Wachowicz, 2013, p. 231).

A importância dos saberes tradicionais não é apenas uma questão romântica, porque, durante muito tempo, contribuiu para a evolução da humanidade, inclusive, permitindo que outros saberes fossem sendo pesquisados e desenvolvidos. Também, no passado, os saberes tradicionais contribuíram com a dinâmica social e política das populações:

Por sua vez, o saber tradicional tem a transmissão pela oralidade, inclusive tem sua origem, nas práticas, nas vivências, nas místicas e mesmo na religiosidade. A transmissão se dá das mais diversas formas, podendo ser por “contação” de histórias, por relatos de experiências, através de conversas familiares, das discussões do compadrio e mesmo da vizinhança na “hora do chimarrão” (Campos, 2018, p. 46).

Igualmente, se destaca a amplitude dos saberes tradicionais: “Contudo, há que se ter claro que os recursos de conhecimento e saberes que são a matéria-prima da produção da Sociedade Informacional não são escassos, ao contrário, trata-se de um recurso abundante e compartilhado” (Wachowicz, 2013, p. 221). Por se tratar de um “saber solidário”, ele fortaleceu-se como instrumento de comunicação em momento que não havia outros mecanismos, pois era a conversa que mais viabilizava os diálogos e a transmissão de saberes.

Além disso, os saberes tradicionais têm oferecido respostas, que, algumas vezes, não são possíveis a partir do conhecimento científico: “[...] o saber tradicional tem-se mostrado, em diversas situações, como alternativa à resolução de problemas não inclusos na regra do conhecimento científico” (Campos, 2018, p. 41). Isso ocorre, inclusive, em situações estratégicas para a humanidade, como a preservação da diversidade biológica, como afirmam Zanirato e Ribeiro (2008, p. 285/286): “Ainda que o conhecimento tradicional, como uma forma específica de saber, tenha sido afirmado como um bem na Convenção da Diversidade Biológica, permanece em aberto a questão de como preservar sem congelar esse saber e como remunerá-lo.”

Não se pretende desmerecer o conhecimento científico, nem sobrepor o saber tradicional, mas legitimar uma caminhada histórica da humanidade que se pautou por muitas gerações nos ideais da solidariedade, com sua transmissão de forma oral, por meio do contato pessoal, familiar e comunitário, percorrendo um itinerário geracional, com saberes sendo transmitidos e agregados a cada geração. Essa situação ficou visível nos resultados dos diálogos intergeracionais realizados pelos estudantes, que serão apresentados alguns excertos na sequência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, serão tratadas as diversas percepções do que caracteriza o saber tradicional, na intenção de visualizar o quanto ele está impregnado na compreensão dos colaboradores.

Ao ser abordada a noção que possui sobre o que seria o saber tradicional, tem-se: “Conhecimento adquirido com o tempo, família e amigos” (Informante 1). De forma semelhante: “Minha noção sobre o saber popular é o ensinamento dos pais” (Informante 7). Outro informa que é: “Dias certos de plantio coberto ou descoberto” (Informante 3). Nota-se que os colaboradores têm noção adequada do que é o saber tradicional.

Porém, alguns avançam um pouco nessa compreensão, demonstrando a capacidade de fazer interações da noção do saber com sua aplicabilidade, adentrando para aspectos da saúde, com a produção de remédios caseiros no tratamento de determinadas doenças:

Só lembro da minha infância, fomos criados com chás, na época, não havia farmácia, quando tínhamos gripe, por exemplo, minha mãe usava saião, flor de mamão. Quando tínhamos dores de barriga, usavam as folhas de goiabeira. Para tuberculose, tomavam chás de saião, aroeira e uma outra que não lembro agora, minha mãe usava três tipos de ervas e curou um rapaz (Informante14).

A percepção dos saberes tradicionais ocorre também a partir das vivências dos colaboradores, como a descrição anterior, a qual retrata essa questão. Porém, outros percebem-nos como saber geracional: “O saber tradicional/popular vem dos antepassados, de pai para filho, é o que aconteceu há anos atrás e sempre foi passado para frente” (Informante 15). Nessa mesma concepção, encontra-se outra manifestação:

É tudo aquilo que a gente aprendeu durante a vida através das nossas vivências desde a infância, adolescência, tudo que a gente aprendeu. São práticas usadas pelos nossos pais e avós que já foram usadas um dia e todas elas são adquiridas através de experiências. Os povos antigos também fizeram experiências, por exemplo, para plantar milho, existe uma época certa (Informante 17).

Outros ainda conseguem fazer uma relação entre conhecimentos, de certa forma comparativa: “É o conhecimento que muitas vezes não tem comprovação científica, mas é o que nós utilizamos em nosso dia a dia, nas práticas agrícolas, entre outras” (Informante 24). Também, na perspectiva de análise na perspectiva de diferenciar o científico do não científico, sua presença é perceptível, inclusive, nas pessoas que cultuam os saberes tradicionais, como se observa em uma das falas do colaborador:

É o conhecimento adquirido por uma determinada pessoa, essa pessoa vai transmitindo esse saber, e ele acaba sendo algo popular, que todo mundo sabe e praticam. É aquele saber que os médicos, os agrônomos, os veterinários provam que

são saberes hipotéticos, mais mesmo assim os indivíduos continuam acreditando (Informante 25).

Pode-se perceber que, mesmo no grupo de pessoas que cultua o saber tradicional e utiliza-o como instrumento de manutenção de suas atividades agrícolas e industriais, ele é considerado secundário ao conhecimento científico. A sua utilização é descrita por outro:

É o que as pessoas de uma determinada região sabem e nos ensinam, como a fazer o manejo de abelhas, eu aprendi aqui no aqui no assentamento. O tradicional é o que eu aprendi em casa com a minha família, como por exemplo, aprendi a cantar a reza, porque os meus pais eram muito religiosos. Então acredito que a igreja também seja porque segue uma tradição (Informante 34).

Na fala do colaborador, é possível observar o quanto é capaz de dimensionar a regionalidade e a dimensão geracional do saber tradicional. Além disso, a pessoa aponta a questão religiosa, que, muitas vezes, não é considerada, mas que, no Brasil, especialmente em comunidades interioranas, exerce forte influência cultural, política e científica sobre as pessoas. Evidentemente, isso, muitas vezes, acaba conduzindo à compreensão para um campo estritamente religioso, que pode até se configurar como um fanatismo. Essa concepção não é saudável aos saberes tradicionais, que transitam em diferentes culturas.

Uma constatação teórica importante corrobora com essa perspectiva da regionalidade dos saberes tradicionais: “Neste trabalho, entende-se como conhecimento local uma determinada construção social e cultural orientada para a criação de identidade, do sentimento de manutença e de reprodução de um grupo, em particular, que está inserido e contextualizado num determinado espaço geográfico” (Wachowicz, 2013, p. 229).

Por outro lado, é importante considerar a influência da “igreja” na construção e manutenção dos saberes tradicionais. No entanto, é necessário trazer presente as dimensões que isso precisa acontecer, bem como a profundidade da intervenção religiosa, pois ela não deve intervir na compreensão das pessoas sobre os demais conhecimentos além do teológico, sendo sua participação nos saberes tradicionais mais como incentivadora de assegurar um certo “enfrentamento” ao conhecimento científico como supremo.

Outro Informante faz até uma classificação em duas modalidades de saberes, considerando uma como tradicional e a outra como popular:

Como é tradicional, acredito que seja alguma coisa que venha dos meus antepassados. Popular, já acho que vem do povo. Então, isso significa que o que eu aprendi com as pessoas ao meu redor, como a fazer galinhada, com a mulher que morava perto da casa dos meus tios, é um saber popular, um saber deles que eles me ensinaram. Enquanto o saber tradicional vai tudo o que eu aprendi dentro de casa com a minha família, de como me comportar, a ser uma pessoa correta, o que eu deveria e não deveria fazer, e também a trabalhar na lavoura (Informante 37).

Considerando a essência dos saberes tradicionais, observa-se que ele é identificado com uma postura solidária, pautada na cooperação e não na disputa, seja pelo poder ou controle social, político ou econômico. E mesmo que se distinga o popular do tradicional, ambas são nomenclaturas equivalentes, que não alteram a compreensão do seu significado.

No entanto, há um indicativo de reconhecimento do saber tradicional como instrumento na organização e planejamento das diversas atividades necessárias ao cotidiano das pessoas e de suas demandas, seja na casa ou na propriedade, como se observa no testemunho do colaborador anteriormente citado.

Acerca da utilização dos saberes tradicionais atualmente, constata-se que alguns Informantes têm a consciência da importância que ele continua exercendo, especialmente quando o olhar é voltado para a produção agrícola: “Todos os dois saberes estão presentes nas práticas agrícolas, como: no plantio, na poda, na colheita, na aplicação de defensivos etc. Ambos também são utilizados nas práticas de alimentação e pesca” (Informante 5).

Por sua vez, na articulação dos saberes tradicionais com as ciências, observa-se que alguns colaboradores demonstram uma percepção bem sensata sobre como o processo desenvolveu-se e demonstram uma compreensão, muitas vezes, esquecida pela própria ciência: “A ciência pegou os conhecimentos de antes para ser o que é hoje” (Informante 3). No mesmo sentido, outra manifestação, citando exemplos da relação dos saberes tradicionais com a ciência: “Eu acredito que toda a ciência, ela copiou as coisas antigas, ela só melhorou, tipo o milho, trigo a soja, eles produzem bem mais do que antigamente” (informante 31).

Ademais, uma expressão reflexiva sobre a relação da ciência e da tecnologia com os saberes tradicionais: “Sem os conhecimentos tradicionais, não haveria base para a ciência existir, uma vez que ela busca o esclarecimento de algo que já existente” (Informante 5). Em outro olhar semelhante sobre o tema: “A ciência foi desenvolvida através do conhecimento antigo” (Informante 4). Por fim: “Os cientistas, por exemplo, não nasceram já sendo cientistas, eles precisaram pesquisar e estudar os saberes dos outros” (Informante 15).

Esses são alguns excertos da abundante contribuição dos assentados da reforma agrária nas suas percepções sobre os saberes tradicionais, a ciência, a cultura e a tecnologia. Ao finalizar essa discussão, cabe ressaltar uma contribuição sobre como são percebidas as utilizações dos saberes tradicionais no cotidiano das pessoas: “Por exemplo, existe uma expressão de que quando o pôr-do-sol tem a cor alaranjada, é sinal de que o próximo dia amanheça com chuva, este é um saber que sempre foi dito antigamente e que nos dias de hoje ainda continua sendo dito, pois é verídico” (Informante 16). Ademais: “Foi através das tradições que a ciência teve base para iniciar pesquisas voltadas à explicação dos fatos do

cotidiano” (Informante 29). Destaca-se que essas expressões do saber popular ou tradicional ainda são recorrentes nas diversas classes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar dos saberes não formais remete, com desenvoltura aos movimentos sociais, pois é uma das principais ferramentas de organização e de sobrevivência do movimento e dos seus integrantes. Nesse contexto, os saberes tradicionais, conhecidos por outros nomes também, desempenham importante tarefa desde a organização do movimento até a articulação para a produção de alimentos, quando eles ocorrem no campo.

Este ensaio tratou de uma experiência de trazer os saberes tradicionais para dentro da sala de aula, um espaço acadêmico, dominado pelo conhecimento científico e eurocêntrico, portanto, um espaço um tanto inóspito a outros saberes. No entanto, a intenção não foi confrontar ou sobrepor conhecimentos, mas mostrar como é possível estabelecer diálogos dos espaços formais com os informais do conhecimento.

Nessa perspectiva, é indispensável destacar o papel fundamental dos movimentos sociais na manutenção e aprimoramento dos saberes não formais, porque os movimentos representam a base sobre a qual é possível assegurar a manutenção de conhecimentos que estão ameaçados do desaparecimento, por força da supremacia e unanimidade do conhecimento científico no espaço acadêmico e tecnológico, impactando a principal base dos saberes tradicionais que está ligada à produção de alimentos.

É importante considerar o protagonismo dos estudantes que realizam as atividades com dedicação, seriedade, permitindo a coleta das informações necessárias para realizar as reflexões sobre o tema em sala de aula. Aproveita-se para registrar que o “tempo comunidade” no qual os estudantes desenvolvem atividades nas suas residências ou comunidades, do regime de alternância, quando bem utilizado, pode contribuir para a ampliação dos conhecimentos dos estudantes, além de permitir outras reflexões, para além dos conteúdos curriculares.

Por sua vez, os familiares dos estudantes e outros militantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) foram indispensáveis, por meio das suas contribuições para o aprofundamento das discussões sobre os saberes tradicionais, identificando a sua utilização e as interações que ocorrem com as “ciências acadêmicas” e a tecnologia.

O planejamento da atividade, combinado com o comprometimento e a responsabilidade dos estudantes da turma, bem como a disponibilidade das famílias de

assentados, permitiu que o projeto de ensino como metodologia de aprendizagem fosse proveitoso, oferecendo uma quantidade extraordinária de conteúdos não formais para análise e discussão.

Especificamente, sobre os saberes tradicionais, é possível dizer que os estudantes compreenderam o que ele significa, bem como a importância que teve e ainda continua exercendo sobre muitas atividades humanas, principalmente na produção.

As contribuições dos colaboradores também foram expressivas em sua profundidade, pois apresentaram reflexões, exemplos e histórias, demonstrando o vasto domínio dos saberes tradicionais, mas compreendendo a sua importância histórica e contemporânea, seja para noções de plantio, de cultivo ou mesmo de industrialização de alimento.

Além disso, as relações que eles estabelecem com a ciência, a cultura e a tecnologia demonstram que as pessoas que conservam os saberes tradicionais sabem da sua importância e contribuição para o desenvolvimento da humanidade, sendo que, na visão deles, as contribuições desses saberes permitiram, inclusive, o desenvolvimento científico e tecnológico, possibilitando que a humanidade experimentasse o atual momento de desenvolvimento.

Portanto, a contribuição dos saberes não formais, de difusão oral, aparece como inquestionável, sendo que os argumentos trazidos pelos Informantes são de grande valia e profundidade, possibilitando realizar reflexões profundas na relação com o conhecimento científico e conteúdos curriculares.

Por fim, o comprometimento dos estudantes e a solidariedade dos trabalhadores do MST, representados pela turma de Agronomia – PRONERA/UFFS - , realizado no Instituto Educar de Pontão e seus familiares ou pessoas próximas, indicam o quanto os movimentos sociais contribuem e podem assegurar a continuidade dos saberes tradicionais sob o domínio público e geracional, apresentando, ao mesmo tempo, características históricas, com atualizações pelas gerações que o utilizam.

AGRADECIMENTOS: Agradecemos aos estudantes do Curso de Agronomia, 2ª fase, da turma 37423, segundo semestre de 2022, matriculados no componente curricular e Introdução à Filosofia, pela responsabilidade na realização da atividade “tempo comunidade”, bem como pela autorização na utilização dos dados para produções acadêmicas e científicas.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Antônio Valmor de. **Território do milho crioulo**: a propriedade intelectual coletiva e o melhoramento de sementes como estratégia de reprodução social. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carmen Rejane Flores Wizniewsky, Co-orientador: Prof. Dr. Attico Inácio Chassot Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa De Pós-Graduação Em Geografia e Geociências. Santa Maria, 2018. Tese.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica**: questões e desafios para a educação. 2 ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2001.

_____. **Educação conSciência**. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 2003.

INFORMANTES – Rodas de conversas familiares desenvolvidas por estudantes da turma do Curso de Agronomia, em convênio PRONERA-UFFS, em realização no Instituto Educar, no componente curricular de Introdução a Filosofia, 2022/2. Estudantes oriundos dos assentamentos da reforma agrária de 13 estados brasileiros, realizadas em setembro/2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do Pensamento Abissal**: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. Universidade de New York em Binghamton, na Universidade de Glasgow, na Universidade de Victoria, na Universidade de Wisconsin-Madison e na Universidade de Coimbra [2008].

WACHOWICZ, Marcos. Direitos culturais e saberes: o reconhecimento de um direito de propriedade intelectual de natureza difusa. **Políticas Culturais em Revista**, 1(6), p. 220-234, 2013. Disponível em: www.politicasculturaisemrevista.ufba.br; Acesso em 20/03/2017.

ZANIRATO, Silvia Helena. RIBEIRO, Wagner Costa. Conhecimento tradicional e propriedade intelectual nas organizações multilaterais. **Ambiente e sociedade – Campinas – v. X, n. 1, p. 39-55, jan-jun, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v10n1/v10n1a04>; Acesso em 16/07/2016.**